

DOI: 10.20911/21799024v15n2p25/2024

O pensamento dialógico de Buber e Ebner

The Dialogical Thought of Buber and Ebner

Luiz Carlos Sureki¹

Resumo: Martin Buber (1878-1965) e Ferdinand Ebner (1882-1931) são expoentes do Personalismo Dialógico, uma corrente filosófica do século XX que enfatiza a centralidade da relação Eu-Tu como fundamento da existência humana e da experiência religiosa. O artigo busca apresentar algumas convergências e particularidades desses pensadores, destacando como ambos se afastam das abordagens individualistas e idealistas ao propor um entendimento da existência como um acontecimento pessoal-relacional-dialógico como um ato de revelação espiritual e comunhão.

Palavras-chave: Martin Buber; Ferdinand Ebner; Filosofia Dialógica; Encontro; Palavra.

Abstract: Martin Buber (1878-1965) and Ferdinand Ebner (1882-1931) are prominent figures in Dialogical Personalism, a 20th-century philosophical movement that emphasizes the centrality of the I-Thou relationship as the foundation of human existence and religious experience. This article seeks to explore the convergences and distinctive aspects of these thinkers, highlighting how they move away from individualistic and idealistic approaches by proposing an understanding of existence as a personal, relational, and dialogical event, seen as an act of spiritual revelation and communion.

1. Doutor em Teologia Fundamental pela Universität Leopold-Franzens de Innsbruck- At (2014); doutorando em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). E-mail: luizsureki@hotmail.com.

Keywords: Martin Buber; Ferdinand Ebner; Dialogical Philosophy; Encounter; Word.

Introdução

Ao abordar diretamente o Pensamento Dialógico - também denominado Personalismo Dialógico - este artigo possui um caráter predominantemente filosófico. No entanto, ele também apresenta um aspecto genuinamente teológico, dado que o tema teológico por excelência - 'Deus' - é central para os pensadores do diálogo. A conexão entre o personalismo e a teologia ocorre através da noção de 'pessoa'. A concepção de 'persona' é fundamental para o conceito de personalismo, assim como para a noção teológico-cristã trinitária de 'Deus' e sua Revelação como (auto)comunicação *pessoal*. O fenômeno da palavra, da ação de comunicar, ajudará na compreensão do estar-em-relação e do (auto)revelar-se.

Não há diálogo sem palavra e sem resposta; em alemão: *Wort* e *Antwort*. A teologia, por sua vez, tem como ponto de partida a revelação de Deus no mundo, que não é outra coisa senão o *falar/falar-se* de Deus. "Muitas vezes e de muito modos, Deus *falou* outrora aos nossos pais, pelos profetas. Nestes dias, que são os últimos *falou-nos* por meio do Filho [...] pelo qual também criou o universo. Ele é o resplendor da glória do Pai, a *expressão* do seu ser" (Hb 1,1-3). O evangelista João fala no Prólogo de seu Evangelho do *Logos* divino pelo qual todas as coisas foram criadas. E, assim, *dia-logos* significa através ou por meio do *logos* de modo que o *logos*/palavra põe em relação o falante (locutor) e o ouvinte (interlocutor) no aqui e agora do ato de comunicação.

A *palavra* é uma realidade espiritual que habita e transita nos seres espirituais, animados. Objetos materiais não falam porque não têm vida vivente. Portar a palavra é uma característica intrínseca do ser-vivente, dotado de alma, de espírito. Por isso não se pode separar realmente palavra e espírito, assim como na teologia não se pode separar Logos e Pneuma, *dabar* e *ruah*, Filho e Espírito Santo. "Na Palavra estava a *Vida*, e a vida (o Espírito vivificante) era a luz dos homens" (Jo 1,4). O Espírito gera a Palavra: "... foi concebido pelo poder do Espírito Santo" (diz o Credo dos Apóstolos); e a Palavra manifesta o Espírito: "As palavras que Eu (Palavra) vos digo são espírito e vida" (Jo 6, 63).

É fundamental destacar, no contexto do Personalismo, a clara distinção entre pessoas e coisas. A abordagem personalista visa precisamente transformar a percepção do ser humano de "um algo que é" (objeto) para mim para "alguém" com quem eu estou em relação e graças a quem eu sou. As categorias desenvolvidas para a análise de coisas (objetivamente) não são adequadas para compreender a pessoa humana, a consciência, o espírito, a dimensão intersubjetiva.

Como um ser espiritual, o ser humano é um ser de transcendência, de abertura radical, um ser de relações, consciente de que a relacionalidade *lhe* é

constitutiva. O ser humano se autocompreende como tal numa teia de relações. Nesta teia de relações, são as espirituais, e, portanto, (inter)pessoais as que deveriam ter primazia. A relação que se apega às coisas nos coisifica, embrutece o nosso espírito.

1. Personalismos

A gênese histórica do *Personalismo Dialógico* se encontra já nas primeiras décadas do século XX. Seu florescimento, contudo, o encontramos no período entre as Guerras Mundiais. Este momento histórico na Europa é marcado por uma profunda crise, não só econômica, mas também e especialmente ético-política e espiritual. Começam a surgir movimentos sociais, tais como o coletivismo (marxismo, fascismo e nazismo), que buscavam colocar a sociedade sobre a pessoa ("é válido sacrificar indivíduos em nome do bem-comum"); e o individualismo que, inspirado pelo influxo do capitalismo, visava a primazia do indivíduo sobre a sociedade ("a busca egocêntrica do próprio bem, constrói o bem-comum").²

Este brevíssimo panorama histórico já nos permite perceber os traços que haverão de configurar formas diversas de personalismo. Quando o acento é colocado na *palavra*, se realça a dimensão *espiritual* do diálogo e da relacionabilidade. Quando o acento mais forte é dado à *pessoa*, como um ente humano, respectivamente às pessoas, se realça mais a dimensão do *encontro* e, por conseguinte, da dimensão *social* constitutiva do humano.

O personalismo anglo-americano se caracteriza pela ênfase na pessoa como essência de cada ser humano e é entendida em termos de uma realidade espiritual. Seu principal representante, Borden Parken Bowne (1847-1910)³, argumenta que a pessoa não pode ser reduzida a meras propriedades físicas ou psicológicas, mas deve ser compreendida como uma entidade espiritual, que possui valor intrínseco e dignidade. Bowne situa sua filosofia dentro de um contexto teísta cristão. Ele vê a pessoa humana como refletindo a natureza de Deus e acredita que a compreensão da pessoa deve ser alinhada com a crença na pessoa divina. Isso implica que a pessoa humana é criada à imagem de Deus e, portanto, possui uma dimensão espiritual que deve ser reconhecida e respeitada. A relação entre a pessoa humana e a pessoa divina é central para o personalismo, e a filosofia de Bowne reflete essa conexão essencial. Nesse sentido só existem as pessoas humanas e a pessoa divina. (STANFORD ENCYCLOPEDIA, 2022).

O personalismo fenomenológico se caracteriza pela elaboração de uma fenomenologia (na esteira do primeiro Husserl) fundada na pessoa. Nomes como Max Scheler, Edith Stein, Dietrich von Hildebrand, são comumente mencionados entre os seus representantes. Scheler desenvolveu uma teoria fenomenológica

² Um dos livros mais completos acerca do Pensamento Dialógico foi escrito por Bernard Casper. *Das Dialogische Denken. Eine Untersuchung der religionsphilosophischen Bedeutung Franz Rosenzweigs', Ferdinand Ebners und Martin Bubers.* Freiburg-Basel-Wien: Herder, 1967.

³ Borden Parker Bowne (1847 - 1910), filósofo, teólogo cristão metodista, foi indicado para o Prêmio Nobel de literatura nove vezes. Sua principal obra sobre nosso tema se intitula *Personalism* (Boston 1908). Merecem também menção: *Studies in Theism* (New York, 1882), *Philosophy of Theism* (New York, rev. 1902), *The Christian Revelation* (Cincinnati, 1898), *The Immanence of God* (Boston, 1905), *The Essence of Religion* (Boston, 1910).

da pessoa que destaca a pessoa como um ser espiritual e valorativo. Para ele, a pessoa é o centro da experiência moral e valorativa, e a fenomenologia deve explorar a experiência pessoal e as emoções como fundamentais para a compreensão da pessoa. Influenciada por Scheler, Edith Stein aprofundou a análise fenomenológica da pessoa, incorporando a visão tomista da pessoa como uma entidade criada à imagem de Deus. Ela explorou a relação entre a pessoa e a comunidade, enfatizando a importância da empatia e da experiência intersubjetiva na compreensão da pessoa. Dietrich von Hildebrand contribuiu para o personalismo fenomenológico com uma ênfase na dignidade da pessoa e na importância da experiência pessoal na ética e na filosofia. Ele destacou a centralidade do amor e da relação pessoal na vida moral e espiritual, e sua obra busca integrar a fenomenologia com uma visão teológica da pessoa (STANFORD ENCYCLOPEDIA, 2022).

O personalismo comunitário, acima mencionado, segue basicamente os postulados e atitudes de Emmanuel Mounier (1905-1950). Para ele, a pessoa é o centro de todo o pensamento filosófico e ético. Cada indivíduo possui uma dignidade intrínseca e única que não pode ser reduzida a meros atributos ou funções, mas deve ser compreendida no contexto das relações humanas e da vida em comunidade. A verdadeira realização da pessoa ocorre dentro de uma comunidade. Esta não é apenas um grupo de indivíduos, mas uma rede de relações significativas e interativas. Mounier criticava tanto o individualismo radical quanto o coletivismo totalitário. Ele rejeitava o individualismo por sua ênfase excessiva na autonomia e na autossuficiência, que, segundo ele, pode levar à alienação e ao isolamento. Por outro lado, ele criticava o coletivismo por sua tendência a suprimir a individualidade e a autonomia dos indivíduos em nome do bem comum. O personalismo comunitário busca um equilíbrio, onde a pessoa é vista em relação à comunidade, mas sem sacrificar sua dignidade individual. Mounier também via o personalismo comunitário como uma base para o engajamento social e político. Ele acreditava que uma verdadeira transformação social só poderia ocorrer quando as pessoas se unissem em comunidades solidárias que promovem o bem comum e a justiça. Seu trabalho influenciou movimentos sociais e políticos que buscavam uma renovação ética e humanista na sociedade, e suas ideias continuam a ser uma referência para debates sobre a relação entre indivíduo e comunidade. (REALE/ANTISERI, 1991, p. 732-740).

O personalismo tomista ou ontológico, mais próximo ao pensamento de Santo Tomás, encontra em Jacques Maritain seu principal representante. Trata-se de uma abordagem que combina a filosofia personalista com a tradição tomista de São Tomás de Aquino, busca, portanto, integrar o personalismo com uma metafísica e ética profundamente enraizadas na tradição escolástica. Enfatizando a dignidade da pessoa humana a partir de uma perspectiva ontológica, Maritain vê a pessoa como um ser que possui uma essência única e intrínseca, um ente dotado de dignidade e valor ontológico. A dignidade da pessoa é fundamentada na sua natureza racional e espiritual (STANFORD ENCYCLOPEDIA, 2022).

O personalismo integral é uma escola mais recente inspirada em Karol Wojtyła (mais tarde Papa João Paulo II) e em Jorge Fernández Días de Burgos. Parte-se do personalismo ontológico clássico incorporando nele a dimensão subjetiva ou da subjetividade própria da Modernidade. É uma abordagem filosófica que busca uma compreensão abrangente e holística da pessoa humana. Wojtyła focou na compreensão da pessoa como um ser capaz de autodeterminação, com uma dignidade que transcende a mera existência material. Ele acreditava que a pessoa é essencialmente relacional, ou seja, a identidade da pessoa se realiza na relação com os outros e com Deus. Deu grande importância à liberdade e à ação como aspectos centrais da pessoa. A liberdade não é apenas a capacidade de escolher entre alternativas, mas a capacidade de agir de maneira que realize o verdadeiro bem da pessoa. Em sua obra "Amor e Responsabilidade", Wojtyła explora a relação entre amor e responsabilidade, sublinhando que a verdadeira realização da pessoa ocorre na doação e no amor autêntico. Seu pensamento é evidente em encíclicas como "*Laborem Exercens*" e "*Familiaris Consortio*", onde ele aborda questões de trabalho, família e direitos humanos a partir de uma perspectiva profundamente personalista. Assim como Wojtyła, Burgos integrou suas ideias com tradições filosóficas e teológicas, buscando uma abordagem que respeitasse e incorporasse a riqueza das tradições pessoais e culturais, ao mesmo tempo que promovia uma visão holística da pessoa (STANFORD ENCYCLOPEDIA, 2022).

O personalismo como alteridade, desenvolvido de modo peculiar por Emmanuel Lévinas, concentra-se no "Ele", no Outro, como condição primeira para a compreensão do Eu. Em vez de focar na autocompreensão ou na autonomia individual, Lévinas argumenta que o Eu é primordialmente entendido na relação com o outro. O outro é visto como absolutamente diferente e irreduzível ao eu, e essa diferença é fundamental para a ética. Uma das contribuições centrais de Lévinas é noção de "rostro" do outro, que representa a presença concreta e irreduzível do outro. O rosto não é apenas uma característica física, mas uma expressão da transcendência e da responsabilidade ética que o Eu tem para com o Outro. Ao encontrar a face do outro, o Eu é confrontado com uma demanda ética que transcende qualquer sistema conceitual ou normativo. Para Lévinas, a ética precede a ontologia, ou seja, a ética não é uma consequência da reflexão sobre o ser, mas o fundamento sobre o qual o ser é construído. A responsabilidade ética para com o outro é vista como a base de toda a filosofia e da compreensão do ser. Lévinas critica a tradição filosófica ocidental por focar excessivamente na autopresença e na autonomia do sujeito. Segundo ele, essa tradição negligencia a importância do outro e da alteridade, que são essenciais para uma compreensão completa da ética e da subjetividade. Ao colocar o outro no centro da ética, Lévinas subverte a ideia tradicional de que o Eu é a base da experiência filosófica (CAVALCANTI, 2024, p.86-96).

O personalismo dialógico, que aqui mais nos interessa, reforça a dimensão da interpessoalidade, da relacionalidade, do encontro, do diálogo, da palavra. Seus principais representantes são Martin Buber, Ferdinand Ebner e Franz Rosenzweig.

2. O fenômeno da enunciação e a categoria de pessoa

Sem a categoria de pessoa não há discurso. Discursos são feitos em primeira pessoa ou em terceira pessoa, sendo que quanto mais eminente seja a primeira pessoa, mais subjetivo o discurso será; e assim também mais objetivo será quanto mais primazia tiver a terceira pessoa.

Discursos científicos não são elaborados em primeira pessoa, pois não importa a opinião pessoal/subjetiva do cientista. Importa antes o saber científico objetivo e universal sobre alguma coisa. Sentenças declarativas dizem, em terceira pessoa, como algo ou alguma coisa é ou está. "O sol aquece a pedra".

Discurso não é diálogo! Um escritor, na solidão de seu gabinete de leitura, pode fazer um discurso sobre o diálogo, ou seja, fala sobre o diálogo sem dialogar com ninguém! Embora se diga com razão que todo escritor tem em vista um destinatário para seu discurso, um público a quem dirige seu discurso, isso não significa que está "dialogando"!

Diálogo exige presença de dialogantes. É um caminho de via dupla. Só faz sentido falar a quem possa ouvir e responder.

O fenômeno da enunciação revela três pessoas: Eu (quem fala), Tu (a quem o Eu fala), Ele (o que ou sobre que o Eu fala). Enquanto as duas primeiras pessoas (Eu e Tu), as que podem falar/ouvir/responder são realidades espirituais, a terceira pessoa é sempre algo objetivo que não fala nem ouve; é o objeto, o tema, o assunto, a questão, o problema, o tópico, o elemento, a coisa, o *sobre-que* (FIORIN, 2017, p. 971).

O Eu sem Tu está sempre às voltas consigo mesmo, pois está falando para si mesmo ou de si mesmo. O conteúdo da fala, o Isso, o Objeto, não tem a palavra, não fala, não responde, não questiona, não interpela, não tem espírito. Não relação pessoal dialógica entre Eu e Isso/Ele.

O Eu está sempre inserido num aqui e agora; fala num determinado espaço (aqui) e num determinado tempo (agora). Por isso, diz Benveniste: "Enunciação é a instância do *ego, hic et nunc*". Daí se segue que as categorias da enunciação são: *pessoa*, lugar e tempo. Vamos nos concentrar na categoria de *pessoa*. (FIORIN, 2017, p. 972).

A análise da enunciação mostra que somente Eu e Tu são realmente pessoas. O Nós - que chamamos "primeira pessoa do plural" - não é, na verdade, plural de Eu, senão que antes se trata do Eu com alguma das outras pessoas: Eu e Tu, Eu e Ele/Ela, Eu e Vós, Eu e Eles/Elas. O Eu, o que fala, não tem plural, não pode ser substituído: o Ele não fala! O Vós, por sua vez, pode ser plural enquanto o Eu pode falar a muitos. Pode ser também uma pessoa ampliada: Tu e Ele/Ela, Tu e Eles/Elas; ou ainda um pronome de tratamento para designar dignidade, realeza, senhorio, como nas orações litúrgicas dos falantes de língua portuguesa que se dirigem a Deus como "Vós". Somente Ele/Ela (terceira pessoa) tem um real plural: Eles/Elas. (ver: ESPOSITO, 2009, p. 157, *apud* SUREKI, 2023, p.16).

3. Martin Buber: Eu e Tu

Martin Buber nasceu em Viena em 1878 e faleceu em Jerusalém em 1965, com 87 anos de idade. Dedicou-se à filosofia, história da arte, estudos germânicos e filologia.

Seu livro "Eu e Tu" (*Ich und Du*), um verdadeiro ensaio sobre a existência ou ainda uma ontologia da relação, foi publicado em 1923. Divide-se em três partes: a palavra, a história, e Deus. Buber distingue basicamente duas atitudes frente à vida. Essas atitudes se traduzem em duas palavras-princípio: Eu-Tu e Eu-Isso. Somente a palavra-princípio Eu-Tu designa o ato essencial do ser humano, ao encontro intersubjetivo e recíproco, o "mundo humano". A segunda palavra-princípio, Eu-Isso, designa a experiência objetiva e objetivante que temos e fazemos das coisas, o "mundo material/físico".

Quem diz *Isso* está se referindo a uma coisa, a um objeto qualquer do mundo. É o tipo de relação que temos com o mundo/natureza em que as coisas são incapazes de vir até nós. Não há diálogo entre homens e pedras. Não tratamos uma pedra pelo pronome pessoal *Tu* porque não temos relação pessoal com ela.

Quem diz *Tu* não tem nenhuma coisa por objeto, [...] mas se encontra na relação de tipo pessoa-pessoa. O Eu não está aqui na "fria" relação com a pedra, mas na "afetiva" relação com outra pessoa real: o Tu.

Relação é reciprocidade. [...] No princípio é a relação [Eu-Tu]. [...] *Eu-Isso* é a palavra da separação. [...] Só o *Isso* pode ser inserido numa ordem. [...] O *Tu* não conhece nenhum sistema de coordenadas.

[...] O espírito, na sua manifestação humana, é a resposta do homem ao seu *Tu*. [...] O espírito é palavra. [...] O espírito não é como o sangue que circula em ti, mas como ar que respiras. O homem vive no espírito quando consegue responder ao seu *Tu*.

A propósito do Tu divino diz Buber que o subjetivismo absorve Deus na alma, o objetivismo transforma-o em objeto; uma falsa consolidação é esta, uma falsa libertação é aquele, e ambos são desvios no caminho da realidade.

O discurso sobre a relação Eu e Tu só faz sentido se é feito desde o interior da relação Eu e Tu já que esta é anterior ao discurso propriamente dito. Fora dessa relação não haveria sequer o fenômeno da linguagem, e conseqüentemente, não haveria discurso. Embora Buber tenha que se dirigir aos seus leitores com a linguagem da terceira pessoa, os tem primeiramente como um Tu a quem ele, Buber, na posição do Eu que toma a palavra, fala. Sem o destinatário do discurso (o Tu), Buber continuaria encerrado na subjetividade do Eu.

Buber caracteriza a relação Eu-Tu como (de) amor (*Liebe*). O amor é uma forma nobre de afeto, uma realidade espiritual (não coisificável, objetivável), algo em que estamos ou habitamos, não simplesmente algo que temos. A relação como tal não existe encerrada no Eu solitário; ela passa e perpassa o *entre*

Eu e Tu, os conecta, por um lado, e os mantém na sua identidade singular, na sua personalidade própria, por outro lado. O amor não se diz pela posse ou conquista do Eu pelo Tu e vice-versa. O amor exige a liberdade de ambos, exige intersubjetividade.

4. Ferdinand Ebner: a Palavra e o Espírito

Ferdinand Ebner nasceu em Wiener Neustadt, Áustria, em 31 de janeiro de 1882. Embora não tivesse se destacado como um acadêmico tradicional, deixou um impacto duradouro na filosofia do diálogo (HÖDL, 1998, p.20).

A obra mais conhecida de Ebner, "A Palavra e as Realidades Espirituais" (*Das Wort und die geistigen Realitäten*), publicada em 1921, explora a centralidade da palavra como conexão (espiritual) entre o Eu e o Tu, além de ser uma ponte para a experiência religiosa da relação com Deus.

Influenciado por correntes religiosas e filosóficas de seu tempo, como o existencialismo e a teologia cristã, Ebner é considerado um dos precursores da filosofia dialógica, ao lado de Martin Buber.

O pensamento de Ferdinand Ebner (1882-1931) se caracteriza pela busca da dimensão propriamente espiritual do existir humano. O auge de sua busca caracteriza-se pela volta à fonte da fé cristã entendida como Palavra criadora de Deus, como pneumatologia, como diálogo originário.

Durante um longo período (entre 1900 e 1902), a educação acadêmica de Ferdinand Ebner foi interrompida devido a uma doença pulmonar grave. Desde a infância, sua saúde era frágil e seu temperamento nervoso. Ele frequentemente sofria de dores de cabeça intensas, insônia e fadiga constante. Essas limitações constantes o levavam frequentemente a estados de profunda depressão. (SURREKI, 2011, p. 107-108).

A vida, o sentido da vida, era a questão fundamental. Intrinsecamente ligado à vida está o *espírito*. Se a vida tem um sentido, esse sentido deve ser espiritual, deve ser buscado no plano espiritual. Não se resolve o problema do sentido da vida pela via conceitual. Conceito de vida, conceito de vazio existencial, conceito de morte são todos conceitos, produtos da razão. Não basta o conceito de salvação para nos salvar.

O caminho que conduz Ebner à fonte inspiradora da compreensão profunda da vida e da realidade pneumatológica da existência tem início com a leitura do livro de Jakob Grimm, publicado em 1851: A Origem da Linguagem (*Der Ursprung der Sprache*). Merece destaque também o livro de Søren Kierkegaard, publicado em 1849: Enfermidade para a morte (*Krankheit zum Tod*). O livro de Grimm despertou em Ebner a consciência da origem divina da Palavra. O ser humano não é o Eu originário que fala primeiro, mas o Tu vocativo que ouve a palavra. (EBNER, 1963b, p. 27).

A passagem bíblica mais inspiradora do pensamento de Ebner se encontra no Prólogo do Evangelho de São João:

No princípio era a Palavra, e a Palavra estava junto de Deus, e a Palavra era Deus. Ela existia no princípio junto de Deus. Tudo foi feito por meio dela, e sem ela nada foi feito de tudo o que existe. Nela estava a *vida* e a vida era a luz dos homens... (Jo 1,1ss).

O prólogo discorre sobre a origem de Jesus Cristo como a *Palavra*, na qual Deus se revelou desde o início da criação e que, na Encarnação, atinge sua máxima profundidade, inteligibilidade e realização. A vida de Jesus é a revelação da Palavra. ("Das Leben Jesu ist die Offenbarung des Wortes") (EBNER, 1963, p. 468).

A história da Palavra se distingue de todo discurso sobre a sabedoria na e da criação, pois a Palavra não é uma criatura; ela é "gerada", não criada. Da mesma forma que é inconcebível um Deus que não se expressa, que não se revela, que não "fala", também é impensável conceber a Palavra sem distingui-la de Deus mesmo. Por isso se diz primeiramente: ela estava "*junto de Deus*", para então dizer: "e a Palavra era Deus" (Jo 1, 2-3). Somente Deus chama à existência o que (ainda) não é. Somente porque a Palavra estava com e era Deus é possível falar de um Deus que se "falou", que se revelou. O significado profundo da compreensão bíblica é que Deus é pessoa. (EBNER, 1963a, p. 248).

A Palavra de Deus se fez carne para manifestar a Vida do Espírito, a Vida de Deus, natureza de Deus. Jesus, o Cristo, é a Palavra dirigida a nós por Deus para propor, convidar e estabelecer uma nova relação com ele, uma relação espiritual. Esta relação espiritual provoca um salto na qualidade de vida, promove uma verdadeira libertação de tudo aquilo que aprisiona a alma aos apetites da carne, que engessa o dinamismo da vida, que paralisa a pessoa ante as decisões mais importantes a tomar, que adoce o espírito, rouba a paz, ofusca o sentido da vida. O Espírito é livre. A vida segundo o Espírito é livre.

Porque na Palavra de Deus estava a *vida* dos homens (Jo 1,4), Jesus promete vida eterna a todos os que escutarem e acolherem a Palavra, ou seja, a todos os que crerem que Ele é o Filho enviado.

A Encarnação da Palavra eterna representa para João a compreensão central da fé, a saber, que o homem Jesus é o Filho de Deus que, como Luz, veio ao mundo para salvá-lo. Diz Ebner (1963b, p. 263): "Do mistério do Espírito na Palavra vive o homem como homem" (*Vom Geheimnis des Geistes im Worte lebt der Mensch als Mensch*). O Evangelho de João dá ainda um passo à frente, quando ensina: do mistério da Palavra vive o cristão; pois Cristo é o mistério da Palavra viva e sua Revelação do Pai, a Palavra do Pai" (cf. Jo 5, 24).

A Palavra, por sua natureza, não existe fora de uma relação de caráter pessoal; ela é, na verdade, a própria essência dessa relação. Para a reflexão de Ebner, o primeiro versículo do Prólogo de João se apresenta da seguinte forma: "no princípio era a relação do Eu com o Tu, e a relação estava com Deus, e Deus era a relação do Eu com o Tu" (cf. EBNER, 1963a, p. 456, 468).

Assim, a relação do Eu com o Tu emerge como a característica fundamental da Palavra. No cerne da jornada espiritual do ser humano encontra-se a Palavra, aquela que estava presente desde o princípio. O termo grego Λόγος, co-

mumente traduzido como “palavra”, deve ser compreendido de maneira literal, não se limitando exclusivamente à vida espiritual de Jesus histórico. Para Ebner (1963a, p. 154-155), Deus cria o ser humano por meio da Palavra, e a verdadeira humanidade do ser humano sempre será criada e sustentada pela Palavra até o fim dos tempos.

É a presença da Palavra no ser humano que o distingue de todas as outras criaturas, conferindo-lhe valor e dignidade. A afirmação de que Deus criou o ser humano implica dizer que Ele lhe dirigiu a palavra, lhe falou. (*Gott hat den Menschen geschaffen, bedeutet: Gott hat zu ihm gesprochen*) (EBNER, 1963a, p. 478). Resgatar o mistério da origem da existência humana também implica reconhecer-se como aquele a quem a palavra foi dirigida para que existisse verdadeiramente como tal, e ao mesmo tempo, compreender o viver humano como uma resposta ou recusa a essa palavra: “... veio para o que era seu, mas os seus não o acolheram” (João 1,11), poderíamos dizer, “não o ouviram”, não se tornaram “filhos da luz”, filhos de Deus nascidos do alto, do Espírito. (cf. Jo 1, 12; 3, 3.6).

De acordo com Ebner, Deus representa o Tu supremo na vida do homem. Sem uma relação viva com Deus, o espírito humano adoece. Para Ebner, existem apenas duas realidades espirituais que estão sempre em relação: o Eu e o Tu (EBNER, 1963b, p. 247). A crítica de Ebner se estende à filosofia ocidental, especialmente ao idealismo, argumentando que até então o Eu era entendido exclusivamente em referência a si mesmo, como um pensamento autoisolado, ou, nas palavras de Ebner, em sua solidão (*Icheinsamkeit*). A tentativa da filosofia idealista de salvar a existência do Eu falhou e estava destinada a falhar porque não se voltava ao verdadeiro Eu, mas sim a um Eu abstrato e irreal na esfera do pensamento e da especulação.

Não se trata de absolutizar o Eu, como no idealismo de Fichte, nem de relativizá-lo completamente, mas sim compreendê-lo em sua relação constitutiva com o Tu. O autoisolamento do Eu (*Icheinsamkeit*) não é, portanto, inerente ao próprio Eu, mas é o resultado de um ato intelectual que, ao se fechar sobre si mesmo, nega a realidade intrinsecamente pessoal (espiritual) do “Tu”, transformando-o em mero objeto (SUREKI, 2011, p. 112-113).

A dimensão pneumatológica ocupa o centro da espiritualidade. De fato, a oração é um diálogo, uma sintonia espiritual com Deus, e não uma mera repetição automática de palavras memorizadas. É o nosso ser espiritual que se eleva em busca da “fonte” onde pode descansar e saciar sua “sede”. Ao longo da história, os grandes místicos nos ensinaram sobre esse “caminho até a fonte”, cada um à sua maneira e em diferentes contextos. Entretanto, há um ponto em que todos convergem: esse percurso em direção a Deus se faz através do amor e do serviço ao próximo. Não se trata de um próximo pensado, um conceito de “próximo”, mas a pessoa do Tu.

Considerações finais

Tanto Buber quanto Ebner elevam a *relação Eu-Tu* ao núcleo da existência humana, mostrando que o verdadeiro sentido da vida não se encontra na autossuficiência do indivíduo pensante, mas no encontro autêntico, de natureza pessoal, com o outro. Para ambos os pensadores, o *diálogo* é mais do que uma mera troca de palavras; é um espaço de revelação onde a *palavra* se torna *realidade espiritual* e manifesta a realidade espiritual das pessoas-em-relação. Na Palavra estava o Espírito que a concebeu. A palavra é capaz de transformar não só as relações humanas, mas a relação com o divino que nos fala, ou seja, se nos revela na sua realidade espiritual.

A dimensão teológica que permeia a filosofia de Buber e Ebner nos revela que a experiência de Deus não é uma abstração distante, um objeto a ser compreendido intelectualmente, mas o *Tu eterno*, que se revela nas relações interpessoais. Assim, o caminho espiritual para a Deus passa pelo *amor e serviço ao próximo*, ou seja, passa pela relação Eu-Tu.

Em suma, Buber e Ebner nos convidam a redescobrir a espiritualidade como um ato de encontro e de abertura genuína à relacionalidade intersubjetiva que nos é constitutiva. O Tu não é um acessório que me serve, não é um objeto que eu utilizo, não é um algo que eu possa comprar ou vender como mercadoria. O Tu é a única realidade espiritual que me pode tirar da solidão existencial, me chamar pelo meu nome, me salvar do meu autoisolamento asfixiante, me acordar do meu "sonho dogmático da razão, me curar da minha "enfermidade para a morte".

Referências

BUBER, Martin. *Eu e Tu*. Introdução e tradução de Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Centauro, ¹⁰2006.

CAVALCANTE, Paulo Henrique. *Emmanuel Levinas*. Do ser à substituição e a subjetividade responsável. São Paulo: Loyola, 2024.

EBNER, Ferdinand. *Schriften I: Fragmente, Aufsätze, Aphorismen*. Zu einer Pneumatologie des Wortes. Herausgegeben von Franz Seyer. München: Kösel, 1963a.

EBNER, Ferdinand. *Schriften II: Notizen, Tagebücher, Lebenserinnerungen*. Herausgegeben von Franz Seyer. München: Kösel, 1963b.

ESPOSITO, Roberto. *Tercera Persona*. Política de la vida y filosofía de lo impersonal. Buenos Aires: Amorrortu, 2009.

FIORIN, José Luiz. Uma teoria da enunciação: Benveniste e Greimas. *Gragoatá*, v. 22, n. 44 (set.-dez. 2017), p. 970- 985.

HÖDL, H. G. *Decodierung der Metaphysik*. Eine religionsphilosophische Interpretation von Ferdinand Ebner's Denkweg auf der Grundlage unveröffentlichter Manuskripte. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1998.

MARITAIN, J. *O Homem e o Estado*. Trad. Alceu Amoroso Lima. Rio de Janeiro: Agir, 1959.

REALE, G./ANTISERI, D. *História da Filosofia*. Do Romantismo até nossos dias. V. 3. São Paulo: Paulus, ³1991.

STANFORD ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY. "Personalism". In: <https://plato.stanford.edu/entries/personalism/> 2022. Acesso em: 22 fev. 2024.

SUREKI, Luiz Carlos. A Pessoa e o Impessoal. Da categoria da enunciação ao operador teórico de sentenças declarativas. In: *Pensar – Revista Eletrônica da Faje*, v. 14, n. 2 (2023), p. 10-29.

SUREKI, Luiz Carlos. Ferdinand Ebner: Filósofo-Teólogo da Palavra. *Perspectiva Teológica*. Ano 43, n. 119, (2011), p. 103-115.